

TRIBUNA DA

CIDADE

AGNELO QUEIROZ

A meningite em Brasília

A preocupação se transforma em medo, que se converte em pânico. Brasília vive o clima de nova ameaça rondando seus lares. São os indícios que apontariam para uma possível epidemia de meningite na Capital da República.

Diante de tal pesadelo, as reações de inquietude e insegurança são mais do que justificáveis. Afinal de contas há gente morrendo desta doença em nossa cidade. E enquanto os técnicos comparam números, reúnem informações e revisam conceitos epidemiológicos fundamentais, a população vai usando seus canais próprios de comunicação para externar angústia, ansiedade e até mesmo desespero.

Tudo leva a crer que não se trata ainda de uma situação de epidemia. Há, no entanto, um nítido incremento do número de casos da doença a partir de 1990, conforme os dados do Departamento de Saúde Pública do Distrito Federal. E, além disso, uma porcentagem significativa dos casos identificados reúne características de meningite produzida pelo chamado meningococo do tipo B, que se acompanha de elevado grau de letalidade. Daí porque o número de óbitos registrados no primeiro trimestre de 1994, ou seja, oito crianças, ter sido o

mais alto comparativamente ao primeiro trimestre dos anos anteriores.

É de se notar, também, que os 24 pacientes que apresentam meningite provocada pelos diversos tipos de meningococo, no primeiro trimestre de 1994, sete são de Ceilândia e seis de Taguatinga, que se constituem nas

mais expressivas aglomerações populacionais do Distrito Federal.



"Parece haver algo a mais no ar além dos aviões de carreira"

Em síntese, quanto à meningite, parece "haver algo a mais no ar além dos aviões de carreira".

Os epidemiologistas talvez tenham razão quando afirmam existir, no momento, apenas uma flutuação mais elevada do número de casos, mas não uma epidemia. Falta o surgimento dos chamados casos secundários para a correta caracterização de um surto epidêmico da doença. Mas o povo também tem razão ao se mostrar preocupado e inseguro, pois sabe que a enfermidade é potencialmente grave e pode ser fatal.

Para aumentar a confusão, a equipe de especialistas do Ministério da Saúde põe em dúvida a eficácia da única vacina disponível no mundo para controlar epidemias de meningococo tipo B, a vacina cubana.

A discussão técnica é certamente fascinante, mas a realidade dispensa academicismos. Se o número de casos está aumentando e venha a ser provado que a vacina disponível não serve, é preciso tomar alguma providência para que se evite o pior. Há seguramente medidas de saúde pública que permitem a instalação de um estado de alerta sem componentes de alarme.

Diagnóstico precoce e tratamento adequado são as normas insuperáveis para os casos de doença declarada. A rede pública de saúde deve, pois, estar suficientemente equipada e preparada para enfrentar este grande desafio. Os recursos não poderão faltar. Não se brinca com um risco de tamanha dimensão.

A Secretaria de Saúde tem o dever de informar e orientar a população, sem omitir dados nem escamotear polêmicas. Só assim se desfaz o medo e se elimina o pânico. A verdade continua sendo o único caminho para o esclarecimento do povo e o melhor fundamento de sua ação participativa na promoção, proteção e recuperação de sua própria saúde.

■ Agnelo Queiroz é médico e deputado distrital pelo PC do B